

UMA DONZELA NA GUERRA: a Joana d'Arc de Luc Besson

Meiriane Santos Oliveira Andrade¹

Resumo: A representação do passado por meio de imagens ganhou corpo ao longo do último século, especialmente com a difusão do uso do cinematógrafo. Filmes voltados à reconstrução de fatos e personagens históricos são uma constante desde a invenção do cinema e a sua utilização como base de pesquisa tem sido objeto de profícuos debates entre historiadores culturais. Mais recentemente, a par dos debates sobre cultura e representações que movimentam os historiadores culturais, o filme tem sido tomado como representação social da realidade para o qual concorrem os condicionantes sociais, o gênio criador dos indivíduos envolvidos no processo de produção e as limitações de gênero e estilo correntes. Nesta perspectiva, o presente trabalho almeja apresentar uma reflexão sobre a personagem de Joana d'Arc no episódio da Guerra dos Cem Anos no filme **Joana d'Arc**, de Luc Besson (1999).

Palavras-chave: Cinema; Guerra dos Cem Anos; Joana d'Arc.

Desde a década de 1970, em um contexto geral de renovação da historiografia, pesquisadores foram instigados a pensar o cinema como uma possível fonte de investigação histórica. As imagens construídas com o uso do cinematógrafo adquiriram, não sem resistência, status de fonte histórica. Sobre as possibilidades de leitura do passado a partir das imagens, argumenta Rossini:

No nosso mundo moderno, ou pós-moderno como querem alguns, as imagens tornaram-se também nossa fonte de conhecimento histórico, assim como os vestígios materiais de civilização passadas, os textos clássicos, as figuras medievais, os diários pessoais e tantas outras fontes de que o historiador se serve para resgatar o passado de suas sombras e trazê-lo de volta a luz.²

Entretanto, os chamados filmes históricos, ou filmes de reconstrução histórica, são documentos da época em que foram criados e permitem elucidar aspectos da vida dos seus criadores. Como representações do passado, salienta Cristiane Nova, um filme “nunca poderia conter a verdade plena de um acontecimento histórico, mesmo se assim o desejasse o seu autor. Ainda que aborde fatos reais, nunca abandonará a sua condição de representação e, portanto, de algo que, no máximo apenas representa o real e que não coincide com este”.³

Os filmes dedicados a assuntos relativos à Idade Média têm enfatizado certos lugares comuns concernentes ao período: a hegemonia cultural da Igreja Cristã, a sedimentação das diferenças sociais, a desigualdade de gêneros, a fome, as epidemias e as guerras. Os filmes prestam-se, também, à reprodução de imagens e conceitos consolidados no imaginário social

a partir das representações construídas pelos homens da Igreja durante o período medieval. Celibatários em sua maioria, esses homens são instigados, em seus ambientes de formação e atuação social, a pensar a mulher como herdeira de Eva e agente de Satã, condenada por Deus ao sofrimento e ao domínio masculino:

Amparados nos argumentos presentes no livro do Gênesis, os doutores da Igreja – “dignos representantes de Deus na terra” – procuraram explicar a propensão das mulheres para o mal, a infidelidade, a astúcia e a necessidade de um controle masculino: “O relato da criação confortou os doutores que formavam os pregadores na sua certeza: é muito mais oneroso na mulher o peso da sensualidade, isso é do pecado, dessa ‘parte animal’ cujo controle incube a razão, a qual predomina no macho”.⁴

As imagens e os discursos de natureza misógina com os quais os agentes da Igreja construíram modelos de atuação feminina foram consagrados em textos doutrinários doutrinária, pela literatura laica e, mais recentemente, pelo cinema. Personagens históricos ou ficcionais, valorados positivamente ou negativamente, são assimilados aos perfis estereotipados da Virgem Maria e de Eva.

Dentre as figuras femininas que, desde o alvorecer da Idade Moderna até os dias atuais têm estimulado a imaginação e suscitado reflexões encontra-se Joana d’Arc, a jovem camponesa da França, que, oscilante entre a glória e a repulsa, a fogueira e o altar, fez-se personagem central de vários filmes produzidos no século XX.

Joana d’Arc nasceu na aldeia de Domremy, em 6 de janeiro de 1412 em uma família de camponeses,. Filha de Jacques d’Arc e Isabel, católicos praticantes que a criaram na fé cristã, “Joana era uma moça boa, simples e afável. Ela frequentemente ia à Igreja e aos lugares sagrados. [...] tinha boa conduta, era devota e paciente”.⁵ A essa imagem, a bibliografia relativa à personagem veio acrescentar outra, que predominou nos modos de representação da personagem nas telas do cinema.: a de uma mulher à frente de seu tempo, que ousou agir no sentido contrário aos padrões de comportamento vigentes. Desvendar esses modelos contemporâneos de representação de Joana d’Arc, tomando por base a cinematografia, é o foco de nosso trabalho.

A participação de Joana d’Arc como chefe de guerra dos franceses na Guerra dos Cem Anos (1337-1453) gerou inúmeras opiniões e interpretações. Destituída de força e habilidades bélicas, a jovem de 17 anos atuou, na opinião de Guilles, no sentido contrário ao que apregoavam os homens do seu tempo:

Nas batalhas é preciso grande discernimento e cautela. Ora, como as mulheres têm conselhos de pequeno valor e pouco discernimento e não são tão sábias quanto os homens, não se deve ordená-las para a batalha. Àqueles que para ai vão é preciso grande coragem e ousadia, pois colocam seus corpos em perigo de morte, e a mulher é a coisa mais medrosa que existe e de compleição fria. Se se deve combater, é preciso afastar as mulheres de sua companhia, pois o medo é contagioso mesmo para os bravos e destemidos. Dar grandes golpes e carregar armas exige rins sólidos, ombros fortes e braços robustos. Como as mulheres têm a carne flácida e pouca força no corpo, não se deve levá-las para combater.⁶

Apesar disso, Joana mostrou-se capaz de concretizar sua “missão” e ganhou grande reputação no exército francês. São esses os elementos que predominam no épico **Joana D’Arc**, de 1999, dirigido pelo cineasta francês Luc Besson.⁷

No ano comemorativo dos 210 anos da Revolução Francesa, Besson, o cineasta francês emigrado para os Estados Unidos, dedicou-se à história da jovem guerreira que se destacou na Guerra dos Cem Anos, se eternizou na memória do povo da França, ganhou ressonância mundial como símbolo da luta pela liberdade de sua nação.

O filme ressalta, em seu início, a infância de Joana, marcada por fome, morte e violência, e o seu envolvimento em episódios da chamada Guerra dos Cem Anos, na verdade uma série de conflitos entre ingleses e franceses, intercalados por períodos de paz. Besson situa as aventuras centrais do filme no período que se segue à derrota francesa na batalha de Azincourt (1415) e à assinatura do Tratado de Troyes (1420). É esse o contexto que permitirá a projeção da “virgem de Orleans” na luta francesa pela independência

A atriz ucraniana Milla Jovovich atua no papel de Joana: uma mulher de pele e olhos claros, cabelos curtos, de fala ligeira e poucas palavras, equipada com trajes militares, entre os quais uma destacada armadura de cor brilhante. A coragem e a força, qualidades esperadas de um guerreiro medieval, são ressaltadas na personagem.

Figura 1- Milla Jovovich como Joana d’Arc, em *Joana d’Arc* de Luc Besson



Fonte: <http://ccine10.blogspot.com.br/2011/10/joana-darc-de-luc-besson-critica-na.html>.
Acesso em: 13 dez. 2011.

O filme mostra como, em Poitiers, perante a corte do futuro Carlos VII, a jovem foi entrevistada e, em seguida, submetida ao teste de virgindade, sob a supervisão de notáveis senhoras. A pureza de corpo era tomada como sinal de proximidade com Deus. No momento seguinte, Joana aparece já na liderança do exército francês.

Com a aprovação do delfim, a jovem guerreira assume a responsabilidade de unir o exército francês, composto por homens desacreditados, cansados de sucessivas derrotas. A continuidade da guerra de resistência exigia a coesão do grupo e Joana, tomada como enviada de Deus, assumia a responsabilidade de reestabelecer o compromisso coletivo e encher o exército de fé e esperança.

Curiosidade e espanto tomam conta daqueles que não estavam preparados para ser chefiados por uma mulher. Mas os conselhos de Joana são tomados em conta e o exército francês começa a ganhar força na luta contra os inimigos. A palavra de ordem era combater em nome de Deus.

Figura 02- Joana d'Arc à frente do exército francês



Fonte: <http://variosdownloadsfacil.blogspot.com/2010/03/joana-darc.html> Acesso em: 13 dez. 2011.

Às vezes cansada e abatida, mas ciente de que tinha uma missão a cumprir, Joana caminha entre os mortos. A vitória francesa se consolidou com a coroação de Carlos VII, em 1429, na Catedral de Reims. Lá estava Joana, em destaque no meio de um séquito composto por pessoas nobres. Entretanto, a guerra não havia acabado e a fama de Joana d'Arc, ainda à frente dos exércitos franceses, levou os ingleses a ambicionar sua morte.

Figura 03 - Joana d'Arc segue em combate



Fonte: <http://sublimeirrealidade.blogspot.com/2011/10/joana-darc-de-luc-besson.html>. Acesso em 13 dez. 2011.

Aprisionada pelas tropas inimigas em Compiègne, em 1430, Joana se viu obrigada a travar um novo e maior combate: defender a fé cristã e justificar as suas ações perante o Tribunal Inquisitorial. Abandonada nas mãos dos ingleses – o próprio Carlos VII não pareceu muito disposto em defendê-la – a personagem vive tempos difíceis. No “Tribunal da Fé”, para onde foi encaminhada sob a acusação de crime de heresia, era instigada a responder às inúmeras questões propostas pelos juízes, que não mediam esforços físicos e intelectuais para confundi-la. Joana buscou afirmar a condição de boa cristã: havia sido batizada, freqüentava as missas e seguia todos os preceitos ensinados por sua família.

Figura 04 – O interrogatório de Joana d'Arc



Fonte: <http://www.thewarezground.com/forum/showthread.php?t=2217>. Acesso em: 19 dez. 2011.

Julgada culpada, Joana foi entregue ao braço secular, encarregado de proferir e executar a sentença. Para Gonzaga (1993), a absolvição da ré significaria dizer que Deus também estava contra os ingleses.⁸ Importava, pois, afirmar que as suas ações encontravam inspiração no demônio. Joana abjura o que lhe dá o direito de permanecer encarcerada por tempo indeterminado. Entretanto, após a assinatura do documento de abjuração, volta atrás, reafirma as suas ações e as justifica em nome da fé. De volta à cela, Joana volta a vestir vestes masculinas, o que era por si só, um gesto de insubmissão.

Para o Estado Inglês e para a Igreja, não havia mais chance de conciliação. As palavras traição, heresia e diabo pareciam se confundir. A morte de Joana era, naquele momento, a chance de reparação de todo o mal.

As cenas da confissão evidenciam as estratégias da Igreja frente à camponesa que ousou ser guerreira. O discurso dos clérigos enfatiza que a jovem não havia obedecido à Igreja. As acusações de ter invocado demônios, matado e ferindo por orgulho e vingança são irrefutáveis. Para os seus acusadores, tratava-se de uma pessoa cruel e, por isso, deveria ser encaminhada à fogueira.

Joana era pecadora e todos os que estivessem sob o domínio do pecado deveriam ser duramente castigados.

O pecado [...] é um inverno cheio de nevoeiro, de indevoção, de geadas, de insensibilidade, de neve, de obstinação, de nuvens e brumas de cegueira, tirando todo o ardor de nossas consciências, derrubando as flores, as folhas e os frutos de nossos bons desejos e de nossas boas obras.⁹

Condenado à agonia da morte na fogueira, o pecador deveria queimar por inteiro para que não mais existisse vestígio de sua existência física. Para a execução da sentença de Joana, em 30 de maio de 1431, havia uma enorme agitação. Besson retrata a praça tomada por uma enorme multidão de padres, juízes, assessores e pessoas comuns. É clara a intenção do diretor de ressaltar a existência de uma “Idade da Fé”, na qual se insere o final trágico de uma guerreira, julgada e condenada por não obedecer à “política dos homens”.

O filme de Besson, uma produção franco-americana do final do século XX, permite uma melhor compreensão do contexto em que ocorreu o processo contra Joana. O roteiro salienta a presença do diabo, mas o mal é o real invisível nos discursos de uma Igreja militante que, na função de recuperar ovelhas desgarradas, por vezes atua no sentido de perdê-las.

¹ Meiriane Oliveira Andrade. Graduanda em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. meireandrade6@yahoo.com.br

² ROSSINI, Miriam de Sousa. As marcas da história no cinema, as marcas do cinema na história. *Revista do programa de pós-graduação em História*. Porto Alegre, n. 12, p. 118, dez 1999,.

³ NOVA, Cristiane. O Cinema e o conhecimento da História. *O Olho da História: Revista de História Contemporânea*. Salvador, UFBA, n. 1, p. 227, nov 1995.

⁴ DUBY, Georges. *Eva e os Padres: damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 59.

⁵ PERNOUD, Régine. *Joana d'Arc, a mulher forte*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 14.

⁶ Apud BEAUNE, Collete. *Joana d'Arc*. São Paulo: Globo, 2006, p. 157.

⁷ *Joana d'Arc*. Direção: Luc Besson. Elenco: Milla Jovovich, Dustin Hoffman, Faye Dunaway, John Malkovich, Tchéky Karyo, Pascal Greggory, Desmond Harrington, Timothy West, Rab Affleck. Fotografia: Thierry Arbogast. Roteiro: Luc Besson e Andrew. EUA: França, 1999. (155 min), Título original: *The Messenger: the story of Joan of Arc*.

⁸ GONZAGA, João Bernadino. *A Inquisição em seu Mundo*. São Paulo: Saraiva, 1993

⁹ Apud DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilidade no Ocidente (séculos 13-18)*. vol. II. São Paulo: Edusc, 2003, p. 182.